

NUMA OUTRA CONCEPÇÃO DE DOENÇA: ANÁLISE DO JORNALISMO NA PRODUÇÃO DISCURSIVA SOBRE O PATOLÓGICO

ANOTHER CONCEPT OF DISEASE: ANALYSIS OF JOURNALISM ON DISCURSIVE PRODUCTION ABOUT PATHOLOGIC

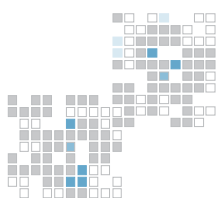
UNA OTRA CONCEPCIÓN DE LA ENFERMEDAD: ANÁLISIS DEL PERIODISMO EN LA PRODUCCIÓN DISCURSIVA ACERCA DE LO PATOLÓGICO

26

Luiz Marcelo Robalinho Ferraz

■ Doutorando em Comunicação e Saúde pelo Programa de Pós-graduação em Informação e Comunicação em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (PPGICS/Fiocruz-RJ), mestrado em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE-2010) e graduação em Comunicação-habilitação em Publicidade e Propaganda (UFPE-2005) e em Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap-2001). É aluno bolsista de doutorado do Programa Faperj Nota 10 – 2014.

■ E-mail: marcelorobalinho@yahoo.com.br



RESUMO

O jornalismo representa um campo importante para compreensão da doença na contemporaneidade, assim como outros domínios tradicionalmente reconhecidos, a exemplo do médico-científico. Devido ao apelo gerado pelo risco, a doença vem ocupando mais espaço no noticiário, contribuindo para sua ressignificação no meio sociocultural. Tomando como base a noção de doença e aspectos importantes, como saúde, relação entre normal e patológico, cuidado crônico, risco e medicalização, além de questões ligadas ao discurso e ao contexto de mediatização, o objetivo deste artigo é compreender a concepção jornalística da doença. Fruto de uma pesquisa de doutorado em curso, o trabalho tem o intuito de avaliar a importância do patológico na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: DISCURSO JORNALÍSTICO; DOENÇA; MEDICALIZAÇÃO; MÍDIATIZAÇÃO.

ABSTRACT

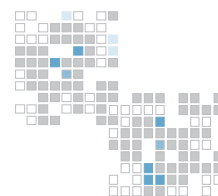
Journalism is an important field for the comprehension of disease in contemporaneity, as well as in other more usually recognized areas, such as the medical-scientific domain. Due to the appeal created by the risk, disease occupies more space in the news, contributing to its resignification in the socio-cultural environment. Based on the concept of disease and important aspects such as health, relationship between normal and pathologic, chronic care, risk and medicalization, as well as issues related to the media discourse and the context of mediatization, this article aims at understanding the journalistic concept of disease. As a result of an ongoing doctorate research, the work intends to evaluate the importance of the pathologic domain currently.

KEYWORDS: JOURNALISTIC DISCOURSE; DISEASE; MEDICALIZATION; MEDIATIZATION.

RESUMEN

El periodismo es un campo importante para la comprensión de la enfermedad en la contemporaneidad, así como otras áreas tradicionalmente reconocidas, área médico-científica, por ejemplo. Debido al realce generado por el riesgo, la enfermedad ocupa más espacio en el noticiero, lo que contribuye a su resignificación en el medio socio-cultural. Basado en el concepto de enfermedad y otros aspectos importantes, tales como la salud, la relación entre lo normal y lo patológico, el cuidado crónico, el riesgo y la medicalización, así como cuestiones relacionadas con el discurso y el contexto de la mediatización, el objetivo de este artículo es entender la concepción periodística de la enfermedad. Este trabajo, resultado de una investigación doctoral en curso, busca evaluar la importancia de lo patológico en la actualidad.

PALABRAS CLAVE: DISCURSO PERIODÍSTICO; ENFERMEDAD; MEDICALIZACIÓN; MEDIATIZACIÓN.



Introdução

Espaço valorizado de significação, o jornalismo é um campo importante para compreendermos a doença. Através dos discursos produzidos, ele contribui por tornar pública a experiência da enfermidade, seja anunciando o surgimento de moléstias novas ou a ocorrência de epidemias, seja enfatizando a importância de cuidado permanente com a saúde a partir de doenças comuns à população. Isso nos leva a refletir no presente artigo sobre o significado do patológico no discurso jornalístico. Fruto de uma pesquisa de doutorado em curso, a intenção desde trabalho é discutir as fronteiras e definições do que é considerado “normal” e “saudável”, bem como o caráter simbólico da noção de “doença” em um espaço discursivo bastante particular, que são os semanários de informação brasileiros.

A nossa proposta traz consigo dois pressupostos. O primeiro diz respeito à ideia de “doença”, entendida como algo socialmente construído e que, portanto, não se reduz ao biológico, ainda que essa dimensão não esteja sendo negada. A forma como as sociedades definem e atribuem sentido aos agentes patológicos varia segundo contextos históricos e culturais. Assim, entendemos que a dimensão biológica é estruturada simbolicamente em diferentes épocas. O segundo pressuposto é que a concepção de doença implica diferentes perspectivas, desde o saber médico-científico, dos pacientes e das autoridades sanitárias até o de outros atores sociais, como o próprio jornalismo.

Cada um dos atores sociais apresentam diferentes perspectivas, o que se aplica à esfera jornalística. Não se trata de uma instância homogênea, uma vez que diferentes veículos de comunicação apresentam perspectivas distintas e também porque existem variações no interior de um campo, conforme diferentes contextos históricos. Mesmo não sendo um campo de produção autônomo sobre a doença, como o médico-científico, que possui competência e legitimidade para construir

conhecimento sobre o assunto e falar a respeito, a imprensa contribui por conceber a doença a partir dos sentidos que constitui, num permanente diálogo com outros campos do saber.

É, de certo modo, um conhecimento de segunda ordem sobre a doença a partir das vozes que são acionadas para tratar do assunto. Apoiada nas falas de diferentes atores (gestores públicos, médicos, cientistas, doentes, familiares e cidadãos) e na própria evolução da enfermidade, os veículos vão construindo o seu discurso e consolidando, por meio das notícias, o arcabouço de informações e valores que permeiam o assunto. Perpassada por discursos de outros campos, essa construção não significa uma mera reprodução do real, e sim uma criação pelo entrelaçamento dessas vozes sob o mito da objetividade e da imparcialidade do relato, uma peculiaridade especial do jornalismo que confere autoridade institucional distinta dentre os demais agentes sociais.

A construção de uma nova normatividade

Buscando entender as condições de produção do conceito de doença, vemos que o surgimento da medicina clínica, na virada do século XVIII para o XIX, representou um momento fundamental. De uma essência abstrata comum na medicina clássica, a clínica instaurou um novo saber médico, de caráter mais científico. A materialidade da doença começou a ser expressa por meio da enumeração dos sintomas em toda a sua complexidade. A doença passou a ser considerada o próprio doente, afetado pela desordem que se abatia sobre o seu corpo (Foucault, 2006). O conjunto de sintomas passou a ser encarado como essência e signo da doença¹.

Bezerra Jr. (2002, p.2) comenta que a clínica acarretou uma mudança, com “a noção de um sa-

¹ Embora o sintoma seja considerado por Foucault o suporte morfológico do signo (elemento significante), este representa uma atividade externa (elemento significado). Segundo o filósofo francês, todo sintoma é signo, mas nem todo signo é sintoma.

Espaço valorizado de significação, o jornalismo é um campo importante para compreendermos a doença. Através dos discursos produzidos, ele contribui por tornar pública a experiência da enfermidade.

ber sobre o individual e uma prática voltada para a experiência de sofrimento do indivíduo”. Isso porque, desde a Grécia Antiga, o conhecimento se baseava na apreensão de universalidades. A anatomoclínica promoveu uma ruptura conceitual no olhar médico sobre o patológico, levando ao desaparecimento da medicina das espécies (que estudava as doenças independentes do organismo) e dotando a singularidade do *pathos* individual de um valor central.

A mudança do olhar médico fez da morte referência para explicar a vida através das autópsias. Multiplicando-se, elas “permitem distinguir melhor e definir as entidades nosológicas, desvelar os efeitos ocultos da doença e ajudar a compreendê-la. Em suma, o corpo morto se torna tão importante na medicina quanto o corpo vivo” (Faure, 2008, p.21). As contribuições desse tipo de medicina influenciaram no modelo biomédico, em vigor hoje, que considera a doença um objeto concreto, observável através de sinais e sintomas previamente estudados e estabelecidos. Mais importa a doença em si que o doente. O objetivo é diagnosticar a patologia para determinar o melhor tratamento. “Produto particular de certa racionalidade prática (busca prática da saúde)”, diz Ayres (2007, p.50), a objetividade desse paradigma legitimou historicamente as práticas clínicas correntes, sobretudo no mundo ocidental.

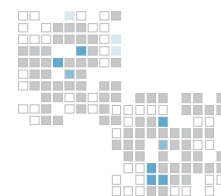
Pelo modelo biomédico, a doença assume uma noção fluida e implícita (Camargo Jr., 2007), contribuindo para pulverizar uma noção mais geral a partir, por exemplo, de uma Classificação Internacional de Doenças, que representa o conjunto de patologias reconhecidas mundialmente e um dos mais importantes instrumentos de informação para o setor saúde. Com o tempo, a publicação

contou com um número crescente de categorias, sobretudo de doenças, em parte pela inclusão de dados sobre morbidade.

O deslocamento na fonte de autoridade das classificações da doença foi fundamental para significar a normalidade biológica do ser humano. Para Canguilhem (2002), a doença é encarada como uma subcategoria da normalidade, assim como a saúde. O patológico representa uma norma de vida inferior em relação à saúde, porque, na doença, o indivíduo não se torna incapaz de viver. Ele apenas não tem o mesmo modo de vida de uma pessoa sadia. “O ser vivo doente está normalizado em condições bem definidas, e perdeu a capacidade normativa, a capacidade de instituir normas diferentes em condições diferentes” (Canguilhem, 2002, p.146). O organismo não deixa ter uma norma própria, apenas se modifica conforme as características da doença.

Essa nova forma de enxergar a doença, não mais como um fato menor do ser vivo, aponta para uma nova dimensão da vida. Diz Canguilhem (2002, p.158) que ser sadio e ser doente não possuem total equivalência, já que o patológico representa uma normalidade diferenciada. “O que caracteriza a saúde é a possibilidade de ultrapassar a norma que define o normal momentâneo, a possibilidade de tolerar infrações à norma habitual e de instituir normas novas em situações novas”.

Foucault (2001, p.62) amplia o debate, afirmando que a norma representa um conceito também político. Embora não se defina como uma lei natural, e sim pela potencial capacidade coercitiva, ela é “portadora de uma pretensão de poder”, trazendo consigo um princípio de qualificação e correção. “A norma não tem por função excluir, rejeitar. Ao contrário, ela está sempre ligada a uma técnica



Tomando a produção de sentidos como enfoque de análise do campo jornalístico, defendemos a importância de pensar na dimensão discursiva a fim de compreendermos a relação jornalismo e doença.

ca positiva de intervenção e de transformação, a uma espécie de poder normativo”.

A normatividade e a normalidade são duas concepções bastante imbricadas à saúde e à doença. A adoção de juízos de valor favoráveis ou não às rotinas padronizadas como saudáveis, como observamos através da ênfase dada pelo discurso jornalístico, acabou produzindo certa regularidade no estilo de vida, possibilitando uma quantificação e associação de determinados hábitos a um maior risco às doenças. Noção cada vez mais presente e complexa no nosso cotidiano, sobretudo nos discursos sobre saúde e doença, o risco é reflexo de uma transformação da sociedade industrial clássica, caracterizada pela produção e a distribuição de riquezas. Essa sociedade dá lugar à outra, a de risco, na qual a produção dos riscos domina a lógica da produção de bens.

Nessa concepção, os riscos seriam mais democráticos e globalizados. Assim, ninguém estaria imune às ameaças produzidas e agravadas pelo progresso. Para Beck (2010), os riscos representam produtos reais e irreais, ao mesmo tempo, por aliarem danos e perigos já ocorridos àqueles calculados. Na avaliação do tempo, o futuro tem primazia em relação ao passado, pela potencialidade da projeção dos fatores que conjugam a compreensão dos riscos no presente.

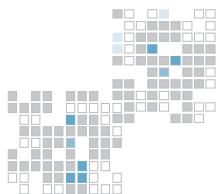
Vaz et al. (2007, p.150) consideram que o advento das doenças crônicas e dos fatores de risco² levou a um cuidado crônico, modificando a relação do indivíduo com a sua própria saúde e a forma de

² Fator de risco é considerado qualquer situação que aumente a probabilidade de ocorrer uma doença ou um agravo à saúde. Em vez de somente um agente específico para explicar o aparecimento de uma enfermidade, o modelo explicativo é multicausal, a partir da interação de uma gama de fatores de risco, tais como o tabagismo, o sedentarismo, a obesidade e o consumo de alimentos gordurosos.

encarar boa parte das moléstias. Isso porque, com o fator de risco, o indivíduo passou a desconhecer mais o seu corpo pela ausência de sintomas, ampliando a temporalidade do cuidado para além dos sintomas. Apesar da mudança, a morte continua presente no imaginário como uma possibilidade a ser evitada. Risco e morte se aliam então para explicar a experiência da doença, assim como a noção de causalidade e risco, reforçando a necessidade da adoção de práticas comportamentais saudáveis para prevenir o aparecimento de doenças.

Tanto na esfera médica quanto na jornalística, essa realidade contemporânea da doença vem sendo atravessada pela lógica da medicalização, que se caracteriza pela transformação de problemas não médicos em problemas médicos e o consequente incentivo ao uso de remédios (Conrad, 1992). Com o tempo, o termo foi ganhando contornos mais amplos e sutis, aparecendo mais num contexto crítico do consumo indistinto de medicamentos. Mais recentemente, autores como Clarke et al. (2003) já defendem uma readequação do conceito, de medicalização para biomedicalização, a partir das inovações tecnocientíficas ocorridas em meados da década de 1980, que incluem a medicina diagnóstica baseada no computador, medicina de transplante, procedimentos da bioengenharia, genômica e telemedicina, transformando a medicina numa espécie de tecnociência e reforçando a ideia da saúde como obrigação moral do indivíduo.

Pela lógica da medicalização, Paulo Vaz e Daniel Portugal (2013, p.109-10) dizem que a ideia de normal se modificou, assumindo uma dimensão de idealidade, assim como a noção de patológico, que deixou de ser raro para se transformar na média da sociedade. “Se a definição de normalidade se destaca do que é fisiologicamente majoritário



nos indivíduos e passa a depender do rigor da atitude preventiva, cada vez mais ser normal requer o consumo de objetos técnicos”. Por objetos técnicos, leiam-se medicamentos. Isso faz dos indivíduos são potenciais doentes, além de potencializar a singularidade e a importância da experiência da doença vivida. Através dos relatos jornalísticos, isso é perceptível pelo testemunho dos doentes, que vem ocupando um papel importante na construção de sentidos sobre saúde/doença. Nas matérias, o sofrimento torna-se um componente mais comum, tendo a lógica do risco como um dos fios condutores das narrativas, através das falas relatadas dos personagens para cuidar da sua saúde.

O jornalismo na produção discursiva sobre a doença

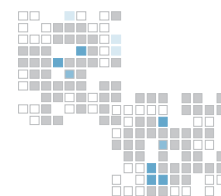
Tomando a produção de sentidos como enfoque de análise do campo jornalístico, defendemos a importância de pensar na dimensão discursiva a fim de compreendermos a relação jornalismo e doença. Sendo assim, o discurso deve ser visto por algumas ideias-chave: unidade linguística que se constitui como um ato orientado, criado com um propósito e desenvolvido no tempo; uma forma de ação com a intenção de mudar determinada situação; constitutivamente interativo, sempre na presença virtual ou real de interlocutor; uma atividade regida por normas, segundo os gêneros discursivos usados; e interdiscurso, no qual o discurso só adquire sentido na relação com outros (Charaudeau; Maingueneau, 2008).

Entender o discurso no tempo é fundamental para compreendermos as suas condições de existência. Diz Foucault (2007, p.55) que todo saber está inscrito em determinado momento histórico, já que existe um espaço de ordem que o possibilita. Mais que um conjunto de signos, os discursos devem ser vistos como práticas que constroem os objetos de que tratam. Afastando a ideia de continuidade, Foucault considera o discurso dispersão, entendendo seu caráter heterogêneo e mutável.

Essa heterogeneidade inclui o princípio dialógico. Pela noção de dialogismo, o discurso se individualiza na interação viva com outros discursos. Os ecos e as lembranças de outros enunciados se encontram sempre presentes no enunciado. O diálogo é permanente e não se resume apenas aos discursos existentes, mas também ao que Bakhtin (1992) denomina como “discursos-respostas”, que ainda não foram ditos, mas que são previstos no ato da enunciação, mesmo que inconscientemente. “Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*” (Bakhtin, 1992, p.113, grifos do autor). Para Bakhtin, o discurso se constitui na formação das diversas vozes sociais que compõem a realidade. Não é apenas uma voz social, mas várias, sempre em relação de acordo ou desacordo.

Na Análise do Discurso (AD), a noção de dialogismo se une a do interdiscurso, importante para analisarmos a produção jornalística, permitindo-nos visualizar os percursos de sentido que a imprensa constitui sobre a doença, numa relação orgânica entre o presente e o passado. Na AD, o interdiscurso é considerado o conjunto de discursos que dialogam e se articulam entre si. Para Maingueneau (2008), o interdiscurso precede o discurso, significando dizer que “a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos” (Maingueneau, 2008, p.36-7). Configura-se como um espaço em que os enunciados mantêm relação de delimitação recíproca ou espaço mais abrangente no qual um enunciado particular se relaciona implícita ou explicitamente com enunciados de diferentes gêneros e épocas (Charaudeau; Maingueneau, 2008).

Assim, vemos que o sistema de regras que norteiam a produção discursiva do campo jornalístico obedece a um processo pré-determinado,



Na articulação entre jornalismo e doença, o conceito de midiatização é importante para analisarmos o papel dos meios na construção de uma concepção jornalística de doença.

evidentemente que com variações. Os acontecimentos discursivos são enquadrados pelos meios de comunicação sob uma lógica comparativa entre eventos do presente e do passado, mesmo que implicitamente, a fim de dar magnitude à ocorrência mais atual na redação da notícia e constituir sentidos singulares ao fato mais recente. Na prática, representa um processo de intertextualidade pela relação de um fato com outros fatos, fazendo com que o homem determine os acontecimentos que fornecerão estrutura e significado ao mundo através dos diferentes textos (os fatos) produzidos. Nas matérias sobre saúde, essa estratégia comparativa e intertextual costuma ser utilizada a fim de dimensionar determinado problema, como no registro de epidemias, por exemplo.

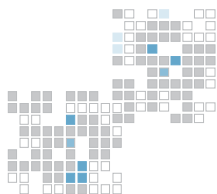
Refletindo sobre as características do texto jornalístico, vemos que ele insere o público em um contrato implícito que extrapola o guia da objetividade, norteador da prática profissional do jornalista, “alcançando os ideais de equilíbrio, pluralidade, abrangência temática e responsabilidade no trato da informação” (Benetti, 2007, p.3). Aliado às noções de neutralidade e imparcialidade que predominam alegoricamente na construção do discurso, os meios advogam para si a credibilidade como principal capital simbólico. Essa credibilidade vem da confiança construída pelo campo através dos acontecimentos retratados, o que dá uma ideia de verdade aos relatos produzidos. Resultado das estratégias empreendidas, os textos permitem ao público “produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta”, contribuindo de forma importante para a construção do imaginário social, “no interior do qual os indivíduos percebem-se em relação a si mesmos e

em relação aos outros” (Gregolin, 2003, p.97).

Tomando o jornalismo de revista como referência, vemos que essa história do presente é construída com uma peculiaridade que a distingue dos demais meios: a periodicidade. Diferentemente do rádio, da internet e da televisão, com capacidade para veicular as notícias em tempo real, as revistas trabalham com a temporalidade de outra maneira. Sem o compromisso da cobertura imediata, as práticas de produção buscam “explorar novos ângulos, buscar notícias exclusivas, ajustar o foco para aquilo que se deseja saber, conforme o leitor de cada publicação” (Scalzo, 2011, p.41).

Isso revela outra característica bastante peculiar dos semanários de informação: o tema como operador de sentidos nas rotinas produtivas. “Mais que dizer sobre o mundo; [o tema] participa, de forma importante, no *como* se diz, incidindo sobre práticas, conteúdos e formas” (Tavares; Schwaab, 2009, p.2, grifo dos autores). Três aspectos são apontados nessa operação: a inserção de assuntos não factuais, a abordagem de um tema atual, não atrelado necessariamente a um fato em si, e a edição dos temas abordados durante todo o ano pelas revistas geralmente numa edição especial, indicando a inserção do assunto no noticiário em determinado período.

Vemos que o jornalismo de revista “vê-se envolto a processos de configurações editoriais (o tema caracterizando perfis editoriais), de segmentação (o tema caracterizando públicos), materiais e discursivas (o tema caracterizando formatos, visualidades e textos)”, diz Tavares e Schwaab (2009, p.11). É importante, já que a doença é construída segundo essas lógicas, impondo enquadramentos diferenciados por não se basearem exclusivamente no fato em si mesmo.



A midiatização e suas estratégias enunciativas

Na articulação entre jornalismo e doença, o conceito de midiatização é importante para analisarmos o papel dos meios na construção de uma concepção jornalística de doença. Caracterizada por um tipo particular de interação pela inserção das tecnologias de comunicação nas práticas sociais e institucionais, ela vem afetando as formas de vida tradicionais e implicando um novo modo de presença do sujeito no mundo. Representaria um quarto bios, pensando nas formas de existência humana definidas por Aristóteles na Antiguidade³, que definiria “uma nova tecnologia perceptiva e mental, portanto, um novo tipo de relacionamento do indivíduo com as referências concretas e com a verdade, ou seja, uma outra condição antropológica” (Sodré, 2006, p.23).

Assim, a mídia passaria de simples transmissor de informação para ambiência significativa, uma nova forma de vida virtual na qual faria as coisas “existirem” num espaço valorizado de significação. Nesse bios midiático, a representação do real seria da ordem do abstrato, uma esfera específica em que a vida é apresentada como forma de domesticar o indivíduo. “Chamar a atenção, atrair e manter sobre si mesmo o olhar do outro, converte-se em valor moral” (Sodré, 2010, p.28).

Longe de desconsiderar a importância de outros espaços de comunicação na sociedade fora da mídia, o conceito de midiatização nos ajuda a pensar na dimensão discursiva constituída pelo jornalismo na contemporaneidade para falar das coisas e

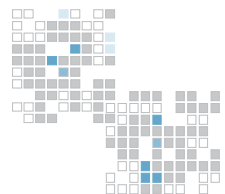
de si. Considerando a linguagem como uma das formas de mediação simbólica, a midiatização se inscreve na ordem dos afetos, influenciando também na maneira e na finalidade de se produzir sentidos sobre doença.

Na abordagem especificamente à midiatização da ciência, cujo campo está atrelado ao discurso da saúde, Charaudeau (2008) observa uma mudança importante. De uma perspectiva pedagógica do discurso da divulgação, criado para explicar o fato, o contrato instituído pela midiatização rompe com isso, sendo regido pela lógica da credibilidade e, sobretudo, a da captação. Assim, há uma ruptura entre o texto científico e sua relação midiática. Em vez de focar o fato em si, discutindo os diferentes aspectos relacionados a ele, a mídia enfatizaria mais o aspecto dramático da notícia na intenção de atrair a audiência para si. Levando o público à ilusão do saber, o conteúdo explicativo perderia um pouco terreno no discurso da midiatização, uma vez que o foco estaria na forma de manejar as estratégias discursivas para melhor captar o público.

Charaudeau (2008) aponta quatro exigências relacionadas à organização enunciativa do discurso da midiatização: visibilidade, legibilidade, seriedade e emotividade. A visibilidade diz respeito à seleção dos assuntos susceptíveis de ter maior impacto imediato na vida das pessoas, podendo ser observado na apresentação iconográfica, bem como nas estratégias de titulação. Já a legibilidade é marcada pela simplicidade na construção linguística a fim de tornar o fato mais fácil de ser “digerido” e a figurabilidade por meio da disposição dos elementos verbo-visuais para uma compreensão mais imediata.

A seriedade, por sua vez, joga com os mesmos procedimentos da legibilidade, só que funcionando como argumento de autoridade, enquanto que a emotividade busca privilegiar os efeitos afetivos por meio de procedimentos, como uma iconografia montada de tal forma que produza

3 Para Aristóteles, a existência era concebida em gêneros qualificativos, os bios, determinados ambientes em que ela se desenrolava. Dentre eles, o *bios theoretikos*, que representava a vida contemplativa e o conhecimento, o *bios politikos*, que indicava a vida política, e o *bios apolaustikos*, que era a vida prazerosa e do corpo. Partindo dessa classificação, a midiatização poderia ser pensada como um âmbito em que predominaria a esfera dos negócios e do comércio. A vida dos negócios não era vista como um bios específico porque não era possível se pensar no comércio a partir do bem e da felicidade, elementos desejados pela comunidade na Antiguidade, e sim a partir do lucro apenas, ao contrário de hoje.



um efeito insólito ou de ameaça; um jogo de títulos e subtítulos dramatizantes. Melhor compreendermos as estratégias discursivas sob a ótica da midiaticização pode ser uma chave importante para entendermos como o jornalismo constrói o significado da doença hoje em dia e em que medida o conteúdo dramatizante do seu relato imprime suas marcas pessoais naquilo que entendemos por doença.

Considerações finais

“A doença parece sempre dizer-nos mais sobre uma pessoa ou uma era do que a saúde, embora não se perceba porquê”, já escreveu Morris (1998). Mesmo que a saúde tenha maior visibilidade, o patológico parece representar objeto de maior importância e com mais formas de discursivização nos meios de comunicação. Por ser considerado a “mídia” da sociedade, o patológico estaria sendo, de certa forma, cada vez mais valorizado na produção de sentidos sobre a saúde, devido ao atual contexto medicalizante em que vivemos, tornando o risco e o cuidado crônico uma tônica bastante presente nas pautas jornalísticas sobre doenças. A nosso ver, essa característica peculiar faz da imprensa uma instância importante a tratar do assunto, ao incentivar o controle e a prevenção, especialmente sob o

viés do consumo de medicamentos como forma de garantir a normalidade desejada.

Pela posição privilegiada no meio sociocultural, o jornalismo constrói saberes e práticas ligadas ao processo saúde-doença, considerando o papel essencial de suas produções como marca da sociedade atual (Maingueneau, 2002) na qual o “peso das palavras” desempenha um papel de prova para estabelecer a verdade (Charaudeau, 2006). Nesse diálogo interdisciplinar, é fundamental identificarmos os deslocamentos discursivos e a própria historicidade das concepções sobre doença, tendo em vista as novas estratégias enunciativas instauradas com a midiaticização. Nesse sentido, a dramaticidade seria um dos principais elementos ressaltados nas estratégias como forma de captar a audiência.

Embora apresentem diferenças ao longo do tempo, conforme os contextos de cada época, os sentidos constituídos pelo campo jornalístico contribuem para traçar uma trajetória da enfermidade. Isso nos ajuda a compreender melhor o estatuto do patológico na contemporaneidade e a própria concepção jornalística de doença, tendo o jornalismo de revista como um diferencial nessa construção. Por isso, acreditamos que o papel e a importância dos meios de comunicação vão além da constatação de um maior agendamento no noticiário. Na verdade, é apenas o ponto de partida de análise.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Uma concepção hermenêutica de saúde. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 43-62. jan./abr. 2007.
- BAKHTIN, Mikhael. *Marxismo e filosofia da linguagem*: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BECK, Ulrich. *Sociedade de risco*: rumo a uma outra modernidade. São Paulo: Editora 34, 2010.
- BENETTI, Márcia. A ironia como estratégia discursiva da revista *Veja*. In: 16º Encontro anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2007, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UTP, 2007.
- BEZERRA JUNIOR, Benilton. O ocaso da interioridade e suas repercussões sobre a clínica. In: PLASTINO, Carlos Alberto. (Org.). *Transgressões*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002. p. 229-39.
- CAMARGO Jr., Kenneth Rochel de. As armadilhas da “concepção positiva de saúde”. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 63-76, 2007.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. *La médiatisation de la science* : clonage,

- OGM, manipulations génétiques. Bruxelles: De Boeck, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2008.
- CLARKE, Adele et al. Biomedicalization: Technoscientific Transformations of Health, Illness and U.S. Biomedicine. *American Sociological Review*. v. 68, p. 161-94. abr. 2003.
- CONRAD, Peter. Medicalization and social control. *Annual Review of Sociology*, n. 18, p. 209-32, 1992.
- FAURE, Olivier. O olhar dos médicos. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). *História do corpo: da revolução à grande guerra*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 13-55.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história no tempo. In: _____. *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, p. 95-110, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MORRIS, David B. *Doença e cultura na era pós-moderna*. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiáticação. In: MORAES, Denis de (Org.). *Sociedade midiaticada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 19-31.
- TAVARES, Frederico de Mello Brandão; SCHWAAB, Reges Toni. O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista. In: 18º Encontro anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2009, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: PUC-Minas, 2009.
- VAZ, Paulo et al. O fator de risco na mídia. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*. Botucatu, SP, v. 11, n. 21, p. 145-63. jan/abr. 2007.
- VAZ, Paulo; PORTUGAL, Daniel. A felicidade segundo a razão farmacêutica: subjetividade, tecnologia e consumo de medicamentos na cultura contemporânea. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FREIRE FILHO, João; HERSCHMANN, Micael. (Orgs.). *Entretenimento, felicidade e memória: forças moventes do contemporâneo*. Guararema, SP: Anadarco, 2013. p. 87-113.

